

## Comunicação Pública da Ciência: apontamentos sobre um *podcast* na Amazônia <sup>1</sup>

Inara Regina Batista da Costa <sup>2</sup>

Cristiane de Lima Barbosa <sup>3</sup>

Edilene Mafra da Silva <sup>4</sup>

Manuella Dantas Corrêa Lima <sup>5</sup>

Mayane Batista Mendes <sup>6</sup>

### Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar um recorte do estudo “Pesquisadoras e Empreendedoras conectadas pela ciência e tecnologia na Amazônia” apoiado pelos aportes teóricos da Comunicação Organizacional e da Comunicação Pública da Ciência. Um dos produtos gerados é o *podcast* *Elas na Ciência* com a finalidade de divulgar resultados de pesquisas científicas realizadas por pesquisadoras vinculadas a organizações de ensino e de pesquisa na Amazônia. Os procedimentos metodológicos adotados incluem pesquisa com abordagem qualitativa de natureza aplicada e de objetivos exploratória e descritiva. Os resultados iniciais evidenciam a existência de pesquisadoras interessadas que desejam dar voz e visibilidade aos seus estudos, sendo exibidos, até o momento, dois episódios no YouTube, duas cientistas entrevistadas, tempo médio de 30 minutos e mais de 300 visualizações.

### Palavras-chave

Comunicação Pública da Ciência; Podcast; Comunicação Organizacional; Amazônia.

### Introdução

Nos últimos anos, tem havido um crescente interesse em explorar a interseção entre gênero, ciência e tecnologia, especialmente em regiões de grande biodiversidade e desafios socioambientais, como a Amazônia. Nesse sentido, este artigo se propõe a apresentar um recorte do estudo ‘Pesquisadoras e Empreendedoras conectadas pela ciência e tecnologia na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como Comunicações Livres, atividade integrante do XVIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

<sup>2</sup> Doutora em Administração (UFMG), docente do curso de Relações públicas da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), coordenadora do projeto de pesquisa aprovado e apoiado pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam, [inara.rp@gmail.com](mailto:inara.rp@gmail.com))

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Informação/Comunicação (UFP/UFRGS), jornalista, docente do curso de Jornalismo da Ufam, vice-líder do Grupo de Pesquisa Trokano (FIC/Ufam) e pesquisadora do projeto, [crisbarbosa@ufam.edu.br](mailto:crisbarbosa@ufam.edu.br).

<sup>4</sup> Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (Ufam) jornalista, docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, [edilenemafra@gmail.com](mailto:edilenemafra@gmail.com)

<sup>5</sup> Mestre em Ciências da Comunicação (Ufam), bacharel em Relações públicas, pesquisadora-bolsista da Fapeam, [manudantasmae@gmail.com](mailto:manudantasmae@gmail.com)

<sup>6</sup> Especialista em Marketing e Mídias Sociais (Uninter), bolsista da Fundação de Amparo e Pesquisa do Amazonas, jornalista, [mayanebatista.jor@gmail.com](mailto:mayanebatista.jor@gmail.com)

Amazônia’, o qual emprega os fundamentos teóricos da Comunicação Organizacional (CO) e da Comunicação Pública da Ciência (CPC). O objetivo principal deste estudo é destacar iniciativas que promovem a visibilidade e o reconhecimento do trabalho das mulheres na ciência e tecnologia, particularmente aquelas vinculadas a instituições de ensino e pesquisa na Amazônia. Entre os produtos gerados por esse estudo, destaca-se o audiovisual ‘Elas na Ciência’, disponível no Youtube e Instagram, concebidos como uma plataforma para divulgar resultados de pesquisas científicas visando ampliar o alcance e o impacto dessas descobertas na sociedade. O referido projeto é financiado pelo Governo do Estado do Amazonas por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), via Programa Empreendedorismo Feminino em Ciência, Tecnologia e Inovação (PEF) - edital 007/2023.

Fruto desse projeto, o produto midiático ‘Elas na Ciência’ tem as seguintes finalidades: divulgar resultados de pesquisas científicas relacionadas com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)<sup>7</sup>; dar visibilidade ao trabalho desenvolvido por mulheres cientistas no Amazonas; mostrar a conexão entre pesquisas aplicadas e a realidade regional; incentivar a formação de empreendedoras e de cientistas.

Para o alcance dos objetivos, os procedimentos metodológicos adotados incluem pesquisa com abordagem qualitativa para entender e descrever fenômenos sociais e culturais de grupos sociais. A pesquisa também é de natureza aplicada, a qual se caracteriza por seu interesse prático cujos resultados são utilizados na solução de problemas reais (Markoni; Lakatos, 2017). Para compreender alguns aspectos da relação universidade, comunicação, pesquisadoras e divulgação da ciência para a sociedade, optou-se por analisar sob as perspectivas da CPC e da CO que estuda o funcionamento e o processo comunicativo entre a organização e seus diversos públicos.

Ao longo de um ano, dez pesquisadoras serão entrevistadas a fim de divulgarem os resultados de pesquisas relacionadas com os ODS. Além de poder tornar pública informações relevantes para a sociedade, acredita-se que o projeto pode incentivar o empreendedorismo feminino e trazer mais mulheres para o mundo da ciência. Tendo em vista que o projeto está em fase de execução e o artigo apresenta um recorte, serão apresentados resultados iniciais a respeito dos dois primeiros episódios exibidos.

---

<sup>7</sup> Os ODS fazem parte de um projeto das Organizações das Nações Unidas (ONU) e foram elaborados para serem aplicados em todos os países levando em busca a erradicação da pobreza, proteção ao meio ambiente e qualidade de vida para gerações futuras. Esses objetivos estão inseridos no plano conhecido como Agenda 2030.

A primeira temporada do *podcast* tem dez episódios no qual incluem as fases de produção de conteúdo, exibição, debate público e avaliação dos resultados (Ferraretto, 2014). Conceitualmente, o produto é denominado corretamente como *videocast* por incluir gravação de áudio e vídeo. De acordo com Santini e Calvi (2013), o audiovisual, encontra-se exposto na internet, na rede. A informação e os conteúdos circulam e são compartilhados facilmente, o que permite que um conteúdo audiovisual possa ser visto várias vezes e por várias pessoas. Entretanto, esse tipo de conteúdo ganhou ressonância e popularidade pela denominação de *podcast*, forma que escolhemos para designar o produto desse projeto. Surge como alternativa para atender expectativas e necessidades de pessoas que preferem áudio do que documentos textuais, além da facilidade de acesso, rapidez no alcance do público, compartilhamento de informação e dinamização de conteúdo (Carvalho; Saldanha, 2018).

A delimitação de alguns fatores na produção do podcast tem origem na inquietação de Edgar Morin (2011, p.7) o qual destaca “jamais pude me resignar ao saber fragmentado, pude isolar um objeto de estudo de seu contexto, de seus antecedentes, de seu *devenir* [vir a ser]”. O primeiro fator tem relação com história de vida e intelectual da cientista, refletindo suas experiências e evidenciando a área de conhecimento (Santaela, 2010). O segundo refere-se aos diferentes assuntos abordados a cada episódio, pois surgem questionamentos ao longo de uma pesquisa, principalmente em função da multiplicidade e abrangência que envolve o campo de investigação. O último fator a ser destacado diz respeito ao lugar de onde se fala: a Amazônia. O *podcast* ‘Elas na Ciência’ é produzido em Manaus (AM), apresentado por duas pesquisadoras da área da comunicação, sendo uma relações-públicas e a outra jornalista. Maturana e Varela (2001) ressaltam que “tudo que é dito, é dito por alguém. Toda reflexão faz surgir um mundo. Assim, a reflexão é um fazer humano, realizado por alguém em particular num determinado lugar” (Maturana; Varela, 2001, p. 32).

### **Os caminhos teóricos da Comunicação Pública da Ciência**

Na Amazônia, os rios são estradas que ligam seus povos. Seguindo o caminho desses grandes rios há furos e igarapés que, em tempos de vazantes e cheias, tornam-se rotas para se chegar ao destino. Neste cenário, toma-se a trilha dos rios como metáfora para divulgar a ciência produzida por mulheres na região Amazônica por meio de *podcast*.

Ao buscar as referências conceituais para embasá-lo, a CPC se apresenta como o rio mais viável para esta viagem, enquanto a CO são furos e igarapés que ajudam a navegar. Aponta-se,

portanto, para dois campos de Comunicação vastos e complexos que, apesar de terem suas trajetórias, processos e práticas diferentes, se enredam e se conectam em diversos momentos criando laços indivisíveis.

Neste sentido, Oliveira *et al* (2021, p. 3) enfatizam que antes de conceituar CPC é preciso destacar sua relação direta com a Comunicação Pública (CP) uma vez que há entre eles um espaço público democratizado com a participação da sociedade, visando à discussão de assuntos do interesse coletivo.

Duarte (2009) chama atenção para a dificuldade de definir CP em função de suas diferentes interpretações. Para o autor, a CP diz respeito aos processos de trocas de informação que são de interesse público e aponta para a importância do diálogo com o cidadão e do esforço para melhoria da sua qualidade de vida por meio da comunicação.

Neste sentido, pode-se dizer que os pressupostos teóricos da CPC têm origem em três fundamentos oriundos da Comunicação Pública: interesse público, cidadania e democracia (Oliveira *et al*, 2021, p.3), tendo como princípio norteador a transparência e construção da cidadania por meio da ciência.

Manso (2015) citado por Santos, Almeida e Crepaldi (2020, p. 280) destaca que a CPC se apresenta como espaço importante de mediação e diálogo entre a academia e sociedade envolvendo “diferentes atores sociais dos mais variados ambientes na formação da cultura científica, cujo conceito está em circulação nos meios sociais, onde se forma a opinião pública”. À luz das relações públicas e da comunicação organizacional podem ser considerados públicos estratégicos para as universidades.

Sobre os desafios da CPC, é comumente destacado por autores da área, a utilização de algumas expressões muitas vezes utilizadas como sinônimos, dentre elas: difusão, disseminação e divulgação científica. Conforme a clássica leitura de Bueno (1995) a difusão científica é abrangente, pois refere-se ao conjunto de recursos e processos utilizados para veicular informações científicas e tecnológica de uma forma que possa ser entendida por todos. Assim, a difusão funciona como um grande guarda-chuva que abarca a disseminação e a divulgação científica.

A disseminação científica, por sua vez, está relacionada à troca de informações por meio de uma linguagem comum a um grupo seletivo que possui conhecimento acerca do assunto informado, por exemplo, eventos científicos. Enquanto a divulgação científica se caracteriza

pela informação direcionada à sociedade como um todo substituindo o vocabulário acadêmico por uma linguagem informal, capaz de ser compreendida pelo público em geral.

No entanto, Massarani e Rocha (2018) ressaltam a ausência de consenso na comunidade acadêmica sobre a definição dos diferentes termos adotados. Para as autoras, a divulgação científica é um trabalho multidisciplinar que, por meio de diferentes mídias, busca comunicar o conhecimento científico a diferentes públicos, recriando esse conhecimento com fidelidade de forma a torná-lo simples e acessível.

A CPC extrapola a visão instrumental da divulgação científica para um processo de transformação por meio do diálogo com a sociedade, fomentando a criação de uma cultura científica. Trata-se de um olhar mais apurado ao romper com a visão de uma ciência descontextualizada, alheia aos interesses públicos e condições sociais.

A espiral da cultura científica, modelo de comunicação da ciência desenvolvido pelo linguista e pesquisador Carlos Vogt há 20 anos, usa a metáfora da espiral para ajudar na compreensão dos diferentes níveis de interação da ciência com a sociedade. Em cada quadrante da espiral ocorre um modo de comunicação dialogando com públicos distintos. À medida que vai caminhando pelos quadrantes, a comunicação vai alcançando um público maior. De acordo com Barata, Hafiz e Oliveira (2023) ao entrevistar Vogt, o conceito de cultura científica é de grande importância na compreensão da divulgação científica como parte de um fenômeno social e cultural por meio do qual a ciência se consolida.

### **O encontro da Comunicação Organizacional com a Comunicação Pública da Ciência**

Um dos grandes desafios das organizações públicas, mais especificamente das organizações de ensino, pesquisa e extensão, é fazer com que as pesquisas científicas com temas de interesse público não fiquem restritas ao ambiente acadêmico. As universidades, enquanto centro de produção científica e formação do conhecimento, tornam-se referência para pensar a CPC.

Na clássica leitura de Kunsch (1992), a autora destaca que a universidade precisa se organizar e criar condições para que a sua produção científica chegue até a sociedade. Valença (2015) citando Baltitude (2011) reforça esta necessidade e menciona que há um conjunto de razões para que as instituições promovam a divulgação da ciência: (i) Razões utilitárias: competências e conhecimentos científicos que são úteis no dia-a-dia; (ii) Razões econômicas: a ciência aumenta significativamente os resultados econômicos de um país; (iii) Razões culturais: a

ciência representa uma herança cultural e é parte de uma vasta cultura; (iv) Razões democráticas: a ciência afeta as principais decisões a serem tomadas pelo indivíduo no que se refere à saúde, educação, nutrição, economia doméstica, entre outras.

Depois de três décadas, as inquietações de Kunsch (1992) sobre como democratizar os novos conhecimentos produzidos na universidade e uma aproximação maior com a sociedade, continuam válidas e pertinentes. Mesmo com todo avanço tecnológico e das possibilidades de comunicação promovidas pelas mídias digitais, bem como a estruturação das assessorias de comunicação nas universidades, divulgar o conhecimento científico continua sendo um desafio.

A CO se refere a uma abordagem integrada, respaldada em um planejamento estratégico, que sai de um patamar mais técnico e avança para outro mais processual e relacional (Oliveira; Paula, 2007).

Defendo a necessidade da existência de uma filosofia e de uma política comunicacional e que a área de Comunicação seja estabelecida como um setor estratégico na estrutura organizacional da Universidade. Isto é, a Universidade tem que se valer de serviços integrados de Comunicação, pautados por uma política global que privilegie a abertura das fontes, a popularização do conhecimento científico gerado e o estabelecimento de canais permanentes de interação com todos os segmentos sociais. A Comunicação deve estar a serviço e à disposição da comunidade interna, da opinião pública e da sociedade em geral (Kunsch, 2019, p. 12).]

Kunsch (2019) observa que a CPC se configura por meio de dois modelos: o primeiro modelo denominado como unidirecional, favorece as fontes e compreende os cientistas como donos do conhecimento desconsiderando o saber produzido por outros atores. É linear, atua com uma informação voltada às pessoas que acreditam não estar preparadas para entender tais informações, nem contribuir com o processo de produção científica.

Enquanto o segundo modelo, denominado como dialógico, aprova o conhecimento das comunidades, interage com uma diversidade de públicos e busca incluir e promover a participação da sociedade na construção da ciência e da tecnologia. Vê os cidadãos como parte integrantes e incentiva o desenvolvimento de uma cultura científica por meio de eventos, tais como fóruns, debates, conferências e programas integrativos.

Assim, o modelo dialógico da CPC aproxima-se da CO por meio da dimensão estratégica ao perceber os públicos como agentes ativos da organização e também das dimensões humana e cultural (Kunsch, 2010; 2012; 2016) a partir do momento que dialoga e respeita os conhecimentos das comunidades. Morin (2011, p. 74) destaca que “os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos. Somos ao mesmo tempo produto e produtores”. Portanto,

diversas conexões são criadas a partir das interações cotidianas, entre as quais, a da cultura e da comunicação.

Um dos veículos disponíveis nas mídias digitais, que pode seguir o modelo dialógico e contribuir com a cultura científica é a produção de *podcast* sob a responsabilidade de um profissional de comunicação. Assemelha-se a um programa de rádio gravado que fica disponível em plataformas de *streaming* possibilitando aos usuários acessarem diferentes conteúdos em qualquer hora e lugar.

De acordo com Figueira e Beviláqua (2022), o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) evidenciou que dos 120 milhões de internautas brasileiros, 19% escutam *podcast* diariamente, ou seja, 16 milhões de pessoas. A Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) que fez o estudo PodPesquisa Produtor 2020/2021 identificou que as quatro plataformas mais utilizadas são: *Spotify* com 87%, *iTunes* com 68%, *Deezer* com 57,1% e *YouTube* com 19,8%.

Os *podcasts* vêm sendo ocupados com a divulgação do conhecimento científico. A comunidade de pesquisadores tem visto esta nova mídia como uma forma de popularizar a ciência para o público leigo. Borges (2020, p.18) destaca que

[...] É necessário que a comunidade científica trace novas estratégias para divulgar a ciência e popularizar seu alcance. É necessário que uma nova forma de divulgação da ciência surja, acompanhando a velocidade da comunicação e da informação em geral.

Dessa forma, os *podcasts* se tornaram um importante canal de comunicação para propagar as descobertas científicas, visto que, conseguem atingir um grande público. Com a popularização deste formato, criadores de conteúdo de diferentes nichos, viram uma excelente oportunidade para divulgarem seus materiais.

Kroth (2021) explica que as plataformas intensificaram as formas de pensar e fazer. Os usuários de *podcasts* não são meros ouvintes, mas são agentes que interagem e propagam o conhecimento consumido para o seu meio. Seguindo essa lógica, o autor destaca que há uma parceria estratégica entre usuários e produtores ao construir um relacionamento do público com o conhecimento científico. As informações são compartilhadas de maneira que a população possa compreender as respostas trazidas pelas pesquisas e que de alguma forma contribuirá para tomar decisões mais conscientes.

## Resultados iniciais: Elas na Ciência – um *podcast* na Amazônia

Nos caminhos desse rio  
Muita história pra contar  
Navegar nessa canoa  
É ter um mundo pra se entranhar

Cada canto esconde um conto  
Cada homem e mulher  
Tem na fé, a força e história  
Pra contar pra quem quiser [...]

Todos os mistérios  
Dessa mata e dessa água  
Esse povo usa  
Pra espantar a mágoa  
Pra sobreviver  
E explicar a dor  
O azar e a sorte  
A desgraça e o amor

O trecho da música acima intitulada Caminhos de Rio foi gravada pelo grupo musical amazonense Raízes Caboclas. Fala das lendas, peculiaridades e sentimentos dos povos que vivem rodeados pela imensidão dos rios e florestas da Amazônia. A música marca a identidade de quem escreve, pesquisa e vive na Amazônia, além de remeter aos constantes desafios de se fazer ciência na região. Como proposto no início deste artigo, o navegar dos rios inspira este caminhar.

Foi com essa atmosfera que foi lançado o primeiro episódio do *podcast* ‘Elas na Ciência’ em janeiro de 2024<sup>8</sup>, após cumprir todas as fases necessárias para sua produção. Foram vários meses desde a concepção até a aprovação do projeto, passando por etapas como: criação de logomarca (ver figura 1), produção de vinheta, pesquisa documental, pré-entrevista, elaboração de roteiro, gravação, edição, divulgação, entre outras.

**Figura 1 - Logomarca do Podcast**



**Fonte:** Elaboração própria (2024)

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t7szzBe25SQ&t=703s>

O roteiro da conversa com a pesquisadora convidada inclui três momentos: a vida da mulher cientista que abrange a sua trajetória e os desafios enfrentados enquanto pesquisadora na Amazônia; o trabalho da mulher cientista, que compreende resultados de seus projetos e estudos; o futuro da mulher cientista, que tem como objetivo incentivar as mulheres a entrarem no mundo da ciência e/ou do empreendedorismo.

**Quadro 1 - Relação de temas, pesquisadoras e ODS contemplado**

Episódio e tema	Perfil da pesquisadora	Área de conhecimento	ODS contemplados
Ep. 1 – Entrevista com a pesquisadora Iraildes Caldas – ODS 5 Igualdade de gênero	Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003), e Pós-Doutorado na Université Lumière de Lyon 2, na França (2015). É professora titular da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).	Ciências Sociais	ODS 5 – Igualdade de Gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. ODS 7 – Energia Acessível e Limpa: garantir o acesso universal a serviços energéticos acessíveis, confiáveis e modernos. Aumentar a proporção de energia renovável no conjunto das fontes de energia.
Ep. 2 - Entrevista com a pesquisadora Nádia Falcão - ODS 4 Educação de qualidade	Doutorado em Educação (2014) pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Professora da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Graduação em Pedagogia e Mestrado em Educação (UFAM).	Ciências da Educação	ODS 4 – Educação de Qualidade: assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

**Fonte:** elaboração própria (2024)

Com a finalidade de cumprir o objetivo principal do projeto, foram mapeados os ODS da ONU, correlacionando às temáticas emergentes de pesquisas científicas trabalhadas por pesquisadoras de instituições localizadas no Amazonas. Os ODS da ONU fornecem diretrizes e metas que estão intimamente ligadas às áreas de pesquisa científica fundamentais para a Amazônia. Por exemplo, o ODS 15 - Vida Terrestre, destaca a importância da conservação e uso sustentável dos ecossistemas terrestres, o que é essencial para a preservação da biodiversidade amazônica. Os demais ODS serão abordados de acordo com os próximos episódios a serem desenvolvidos ao longo da duração do projeto, tal como o ODS 6 - Água Limpa e Saneamento, igualmente relevante para a Amazônia, pois abordam questões relacionadas à gestão dos recursos hídricos na região.

Sendo assim, o primeiro episódio destacou os ODS número cinco (igualdade de gênero) e o número sete (energia acessível e limpa) com a pesquisadora Dra. Iraíldes Caldas Torres, professora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Possui mais de trinta anos de pesquisas no Amazonas, cuja tese “Reconstruindo a Imagem da Mulher Amazônica” foi defendida no Doutorado em Ciências Sociais (PUC-SP).

Precursora nos estudos de gênero no Amazonas, Caldas é coordenadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Observatório Social: Gênero e Poder (Gepos), destaca as dificuldades da mulher que estuda gênero:

O caminho é mais difícil pra mulher, por que a pesquisadora mulher quando estuda gênero, há uma tendência de desvalorizar a categoria gênero, há uma tendência em dizer que não são pesquisas. Hoje já não mais, por que já são mais de 30 anos que eu estou nisso, né?! Mas logo no início, parecia que era uma coisa menor dentro dos temas de pesquisa. Parecia que estudar mulher, com todo elenco, o temário que essa temática comporta. Parecia que essas mulheres não pudessem vir à luz da ciência. As suas vidas, as suas histórias, as suas trajetórias. É aquilo que Michelle Perrot fala: ‘a vida da mulher é uma vida lacunada’, é uma história invisibilizada no conhecimento ocidental (Elas na Ciência podcast, ep.1, 2024).

Atualmente, Caldas coordena o projeto “Potencialidades comunitárias para a aquisição de energia solar no âmbito das práticas sociais das mulheres da floresta: diagnóstico e inventário em cinco comunidades rurais do Amazonas”, que está relacionado com o ODS 7 – Energia Acessível e Limpa.

Como resultado, a pesquisadora aponta que este é um empreendimento que pode ser organizado por mulheres, apesar do estereótipo de que só homens tem habilidades para atuar na área de energia.

Nós já temos na comunidade Brasiléia, que é uma comunidade do município de Maués, quatro placas instaladas. [...] a gente já pode falar desses resultados por que fizeram um grupo de mulheres em Brasiléia que não deixa, por exemplo, as placas ficarem descarregadas. [...] depois que começa tem todo um cuidado que tem que ter. E está indo pra frente este empreendimento. Então, elas são capazes, sim, de ter a frente uma organização que em princípio se pensa que só os homens podem fazer. Por que quando a gente fala de energia, parece que só é trabalho para homem, e não para mulher. E a gente comprova nesta pesquisa, que elas são capazes. [...] Nós já estamos terminando o diagnóstico e a ideia é a gente chegar com o poder público, tanto do município, quanto do Estado, e ir atrás, e procurar como a gente pode empoderar essas mulheres (Elas na Ciência podcast, ep.1, 2024).

A respeito dos impactos que suas pesquisas sobre gênero têm gerado, tanto no Brasil, quanto no Amazonas, ela destaca que atualmente já foram divulgados 33 livros pelo Gepos e que o Congresso intitulado EmFlor, realizado pelo grupo de pesquisa, teve um alcance internacional. Além disso, ressalta o contexto de vida das mulheres da floresta e as peculiaridades dessa população.

Se eu pudesse dizer um impacto, eu diria do impacto científico, tecnológico e de inovação na Amazônia a partir dos olhares das mulheres. Por que essas pesquisas, elas trazem as práticas sociais destas mulheres, das mulheres da floresta. Por que a gente fala ‘mulheres da floresta’? Por que nós queremos fazer um marcador social. As mulheres da Amazônia não sofrem os mesmos problemas que sofrem todas as mulheres (Elas na Ciência podcast, ep. 1, 2024).

Caldas finalizou incentivando estudantes que tomem gosto pela pesquisa de gênero e destacou a importância dos estudos da área para o alcance de políticas públicas que possam transformar a vida das mulheres.

Eu queria incentivar as meninas, àquelas que ainda estão no ensino médio a ter gosto pela pesquisa sobre as mulheres. Por que somos nós, mulheres, que vamos estudar a nós mesmas. (...) A gente só pode fazer um diagnóstico se a gente for à campo, se a gente pesquisar, se a gente ouvir as mulheres. Aí sim nós oferecemos para o poder público transformarem isso em políticas públicas (Elas na Ciência podcast, ep. 1, 2024).

O segundo episódio veiculado em fevereiro/2024 traz a temática do ODS número 4 – Educação de qualidade. A pesquisadora convidada para abordar o tema foi a doutora em Educação Nádia Maciel Falcão, professora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Em seus estudos no doutorado, a pesquisadora desenvolveu a tese “É pesado, mas vou levando: jovens de Manaus entre a escola e o trabalho” na Universidade Federal Fluminense (UFF).

A minha trajetória de formação é toda na área da Educação. Eu me insiro no campo da pesquisa durante a graduação em Pedagogia, ainda na iniciação científica. Preciso reportar essa trajetória. Depois disso, mestrado em Educação, e na sequência, doutorado em Educação [...] Eu me insiro na pesquisa nas temáticas relacionadas a políticas públicas, em uma diversidade de temas e de problemas que podem ser tratados no campo da pesquisa. No doutorado, me direcionei à pesquisa sobre o Ensino Médio e os sujeitos do ensino, que são sobretudo os jovens (Elas na Ciência Podcast, ep. 2, 2024).

A entrevista começa com o surgimento do interesse pela pesquisa em Educação. A pesquisadora discorre sobre a realidade amazônica e as dificuldades de acesso aos estudos no interior do Amazonas, o que a tornou mais sensível para buscar compreender os percalços que envolvem o ensino e suas disparidades.

O interesse surgiu pela própria graduação em pedagogia, uma combinação das oportunidades que se tinha. Eu cresci no município de Coari. Na década de 90, terminei o Ensino Médio, então segundo grau. É o que chegava pra gente no interior do Estado. Naquela época não tinha unidade da universidade. Para se fazer curso superior, tinha que se deslocar para capital. Nós não tínhamos assim muitas opções [...] Eu já fiz essa reflexão, e havia sim uma inclinação pessoal da minha parte, um interesse em seguir nessa área. Talvez muito pela influência dos pais, mas também por uma inclinação pessoal. Nunca pensei mudar, em seguir por outros caminhos, e estou hoje na universidade. Mas dentro de mim ainda tem aquela menina do interior, com as suas

indagações. E acredito que tudo isso perpassou a minha trajetória (Elas na Ciência Podcast, ep. 2, 2024).

Ao apresentar a história pessoal da entrevistada, espera-se humanizar temáticas que envolvem pesquisas científicas e gerar empatia nos espectadores, além de demonstrar que mesmo diante das dificuldades é possível construir uma trajetória como cientista. Buscando fugir do estereótipo do cientista, a ideia é mostrar que a mulher que tem carreira científica se destaca por suas diversas competências.

No segundo momento da conversa, apresenta-se o estudo atual desenvolvido pela entrevistada. Neste caso, uma pesquisa realizada em rede, intitulada ‘Itinerários formativos e projetos de vida no novo ensino médio: processos, propostas e sujeitos’. Neste ponto, a ideia é difundir a produção científica, especialmente, ao abordar um tema de alta relevância para a sociedade.

A nossa pesquisa tem uma metodologia de ‘escuta dos sujeitos’. Então, o que a gente sente indo às escolas é que os jovens têm muito anseio por falar, por dizer o que sentem, e eles têm dito um pouco do que eles também não estão entendendo sobre o novo ensino médio. Eles conseguem enxergar que os professores, apesar de ter boa vontade, interesse e disposição, também não estão entendendo muito [...] O ensino médio é de responsabilidade de oferta do estado, então houve uma coordenação do processo, uma tentativa pelo menos de coordenação por parte do Ministério da Educação, com sugestão de cronograma por parte dos estados, para a construção de um plano de implementação e para a elaboração de um novo referencial curricular (Elas na Ciência Podcast, ep. 2, 2024).

Mais uma estratégia adotada para atrair a atenção do público, tornando a entrevista mais interessante, foi trazer outras vozes para o diálogo. Para isso, foram realizadas gravações no ambiente de trabalho da pesquisadora, com o grupo de pesquisa ‘Juventude, Educação e Trabalho na Amazônia’ (JETAM). Na ocasião, outras pesquisadoras do grupo gravaram perguntas sobre a temática abordada, que foram inseridas durante o podcast.

Para concluir, a pesquisadora foi convidada a transmitir uma mensagem para outras mulheres que desejam enveredar pelos caminhos da ciência. Com isso, espera-se incentivar o desenvolvimento de outras pesquisadoras por meio da aproximação com a realidade social.

Eu gostaria de dizer para as jovens que ainda não sabem, que as áreas das Humanidades, das Ciências Sociais Aplicadas também fazem pesquisa, que a gente também trabalha essa perspectiva. Que a nossa pesquisa tem a ver com essa importância de conhecer como a sociedade se organiza, o que representa a escola dentro dessa sociedade, e como a gente pode fazer da escola um lugar melhor. [...] Eu sou aquela professora que incentiva os alunos ao mundo da pesquisa, desde a graduação. Porque a pesquisa é essa atividade que dá vazão para nossas indagações, formação do pensamento crítico, e nos permite também propor melhorias (Elas na Ciência Podcast, ep. 2, 2024).

No encerramento de cada episódio, são informadas as formas de contato com a equipe do projeto do *podcast* e com a pesquisadora entrevistada, com a finalidade de promover a interação, o diálogo entre estas e o público. Entende-se que este formato de uma conversa informal e descontraída permite que os espectadores possam se sentir próximos tanto da trajetória vivida pela cientista quanto de suas pesquisas.

### **Considerações finais**

Ao navegar pelos fundamentos da CPC e da CO, percebe-se uma trama complexa, envolvendo conceitos, trajetórias e práticas que se entrelaçam a todo momento em uma relação dialógica. A história dos estudos da CO mostra que durante muito tempo os fenômenos comunicacionais foram percebidos através de uma visão reducionista e linear, paradigma este que também influenciou em modelos e práticas da CPC.

Percebe-se que a noção de comunicação não pode estar separada da organização, e estas precisam considerar os públicos não como receptores de suas ações, mas sim como parte integrante de seus processos.

O *podcast* permite contar as experiências de pesquisadoras e por intermédio da sua fala refletir sobre conceitos e práticas de estudos na Amazônia, reforçando a necessidade das universidades e institutos de pesquisa terem uma política de CO que contemple a divulgação científica.

A proposta do *podcast* perfaz os desafios da divulgação científica, apontados pelos estudiosos da área, entre eles, a desmistificação de temas científicos, a relação com a realidade do público, a linguagem acessível para o entendimento dos espectadores, além da aproximação com as mulheres cientistas da Amazônia.

Reforça-se, ainda, que o *podcast* é um dos produtos mais consumidos pelo público na era digital, independente de gênero, idade e classe social. Por estar em um cenário democrático e acessível à maioria, pode ser consumido de acordo com a disponibilidade, interesse e anseios das audiências.

Neste contexto, os fundamentos da CP e da CPC apresentam-se de maneira clara. As interações apresentadas reforçam a ideia de um modelo dialógico da CPC que busca inclusão e a valorização da ciência e do trabalho das cientistas. Por fim, o estudo incentiva a reflexão quanto ao protagonismo de universidades e de pesquisadoras na divulgação de resultados de pesquisas científicas que tenham impacto social e interesse público.

## Referências

BARATA, Germana Fernandes.; HAFIZ, Mariana; OLIVEIRA, Monique. As relações entre ciência e cultura: vinte anos da espiral da cultura científica. **MATRIZES**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 121-132, 2023. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v17i2p121-132. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/212502> . Acesso em: 23 fev. 2024.

BORGES, D. O. “**E aí, pesquisador, comunicar pra quê?**”: o podcast como estratégia e mídia para a divulgação da ciência. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de pós-graduação em comunicação e educação. Uberlândia, 2020. Disponível em < <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.734>>. Acesso em: 20 fev.2024

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico: conceitos e funções**. Ciência e Cultura, São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 37(9), p. 1420-1427, set/1995. Disponível em: <https://biopibid.paginas.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%3%ADfco-conceito-e-fun%3%A7%3%A3o.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2024.

CARVALHO, K. M. A.; SALDANHA, G. S. O som que o documento tem: o podcast da web 2.0 ao princípio monográfico. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 12 No 1, n. 1, 2018. DOI: 10.5016/brajis.v12i1.6807

DUARTE, Jorge. **Instrumentos de Comunicação pública**. In. DUARTE, Jorge. Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

ELAS NA CIENCIA: **Ep 01: Pesquisadora Iraildes Caldas e ODS 5**. Entrevistada: Iraildes Caldas Torres. Entrevistadoras: Inara Regina Costa e Edilene Mafra: Amazon Live Stream, 31 jan. 2024. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7szzBe25SQ&t=38s> Acesso em 21 fev. 2024.

ELAS NA CIENCIA: **Ep 02: Pesquisadora Nádia Falcão e ODS 4**. Entrevistada: Nádia Maciel Falcão. Entrevistadoras: Inara Regina Costa e Edilene Mafra: Amazon Live Stream, 28 fev. 2024. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ei9JJpJZGWc&t=17s> Acesso em 28 fev. 2024.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – Teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FIGUEIRA, A. C. P.; BEVILAQUA, D. V. Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p. 120-138, jan.-mar. 2022.

KROTH, M. E. A importância do podcast para produzir e divulgar conteúdos. **Revista Arco**, Santa Maria, RS, p.1, Jan. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/podcast#:~:text=%E2%80%9Cpodcast%20possibilita%20que%20as,afazeres%20do%20dia%20a%20dia>. Acesso: 20 fev 2024.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. Edições Loyola: São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. A Dimensão Humana da Comunicação Organizacional. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. (Org.). **A Comunicação como fator de humanização das organizações**. (Org.). São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2010

\_\_\_\_\_. **As dimensões humana, instrumental e estratégica da comunicação organizacional**: recorte de um estudo aplicado no segmento corporativo. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 267-289, jul./dez.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/y8NpS46DTtrQfZZvbB3mzqG/abstract/?lang=pt> Acesso: 12 fev 2024.

\_\_\_\_\_. A comunicação nas organizações: dos fluxos lineares às dimensões humana e estratégica e estratégica. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. (Org.). **Comunicação Organizacional Estratégica**: aportes conceituais e aplicados. São Paulo: Summus, 2016.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: MUSSE, Christina Ferraz. (Org.). **Comunicação e Universidade**: reflexões críticas. 1ª ed. – Curitiba: Appris, ed. Kindle, 2019.

MARKONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**, 8 ed., São Paulo: Atlas, 2017.

MASSARANI, L.; ROCHA, M. Ciência e mídia como campo de estudo: uma análise da produção científica brasileira. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2018.

MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 4. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OLIVEIRA, I. L; PAULA, M. A. **O que é comunicação estratégica nas organizações?** São Paulo: Paulus, 2007.

OLIVEIRA, Maria José da Costa; MATOS E NOBRE, Heloiza; CARNEIRO, Celso Dal Ré; BARBOSA, Ronaldo. **A comunicação pública da ciência diante da pandemia**. In: Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional e de relações públicas. 15º, 2021, São Paulo/SP. Anais. São Paulo: ABRAPCORP, 2021. Disponível em: <https://portal.abrapcorp2.org.br/wp-content/uploads/2021/07/2-A-Comunica%C3%A7%C3%A3o-P%C3%BAblica-da-Ci%C3%A4ncia-diante-da-pandemia.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. 2. Ed. São José do Rio Preto, SP: Bluecom Comunicação, 2010.

SANTINI R. M.; CALVI, J. C. O consumo audiovisual e suas lógicas sociais na rede. **Comunicação Mídia e Consumo**, 2013.

SANTOS, A. O.; Almeida, D. R. B.; Crepaldi, T. A. A. T. S. Comunicação pública e divulgação científica em tempos de COVID-19: ações desenvolvidas na Universidade Federal de Uberlândia – Brasil. **Revista Española de Comunicación En Salud - RECS**. Suplemento 1, 2020, p. 279-292. Doi: <https://doi.org/10.20318/recs.2020.5436>. Acesso em: 08 fev. 2024

VALENÇA, M. L. **Comunicação Pública de Ciência: um guia para cientistas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação de Ciência). Universidade Nova de Lisboa, 2015. <https://run.unl.pt/handle/10362/18376>